



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Trinta Anos de Dispersos sobre Teixeira de Pascoaes', de José Cândido Franco]

José Cândido de Oliveira Martins

Para citar este documento / To cite this document:

José Cândido de Oliveira Martins, "[Recensão crítica a 'Trinta Anos de Dispersos sobre Teixeira de Pascoaes', de José Cândido Franco]", *Colóquio/Letras*, n.º 190, Set. 2015, p. 249-252.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

tempos não permitiam, revela que não era indiferente aos destinos do país. É difícil coadunar estes factos com a teoria de uma abulia radical. Para Fernando Pessoa, o Quinto Império cumprir-se-ia na criação literária, campo essencial da sua ação. Estes aspetos integram, no entanto, o diálogo com o leitor que a obra amplamente documentada e argumentada de Onésimo de Almeida permite.

Ana Maria Freitas

António Cândido Franco
TRINTA ANOS DE DISPERSOS
SOBRE TEIXEIRA DE PASCOAES

Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 2014

Como claramente exposto no título, estamos perante um volume que recolhe três décadas de textos críticos de António Cândido Franco sobre Teixeira de Pascoaes. Neste sentido, a obra em questão cumpre um objetivo assumido: o da reunião de textos dispersos cronologicamente e por variadíssimas publicações. Além disso, como realçado expressamente em «Nota» prévia, o volume estava pronto para edição há cerca de uma década, embora só agora se tenha publicado, por circunstâncias que lhe são alheias. Ao mesmo tempo, e como mencionado no referido texto, é oportuno referir, em primeiro lugar, que Pascoaes constitui um autor da especial predileção crítica de Cândido Franco, ao consagrar-lhe uma parte significativa da sua atividade como crítico e investigador, sob forma bem variada: notas, textos de recensão e artigos vários, ensaios mais alongados, trabalhos de edição ou reedição de Pascoaes, e a sua tese de doutoramento (*A Literatura de Teixeira de Pascoaes*, INCM, 2000, defendida em 1997).

Simultaneamente, António Cândido Franco salienta que o seu labor em torno de Pascoaes se mantém até à atualida-

de, não tendo sido interrompido com o último texto incluído neste volume, datado de 2004, prolongando-se com estudos diversos, desde os verbetes para o *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (org. de Fernando Cabral Martins, 2008) até aos mais recentes trabalhos: *Teixeira de Pascoaes nas Palavras do Surrealismo Português* (2010) e *Pensamentos e Máximas de Teixeira de Pascoaes* (2010), entre outros estudos. Justificadamente, os diversos textos sobre Pascoaes editados na última década não foram incluídos no presente volume desde logo «por razões de dimensão», podendo proporcionar um segundo volume de dispersos, como assinalado pelo autor.

Torna-se manifesto que, ao recolher textos críticos selecionados e editados entre 1985 e 2004, esta coletânea de António Cândido Franco demonstra, por um lado, uma constante do seu labor crítico, sob a forma de prolongada devoção a Teixeira de Pascoaes, lido pelo crítico desde 1977, como expressamente salientado; e, por outro, a obra em questão patenteia uma compreensível diversidade de textos, quer em termos de dimensão, quer de propósito e de profundidade crítica (incluindo, a terminar, uma alongada carta de Luís Miguel Nava); ao mesmo tempo, a presente recolha não está liberta de inevitáveis repetições, num conjunto de escritos sobre o mesmo autor e, cronologicamente, tão prolongado e em circunstâncias muito variadas.

Mau grado a diversidade assinalada nestes textos críticos — que se debruçam sobre a poesia, a ficção, a prosa didática ou a epistolografia do autor estudado —, há linhas de força que se retomam de modo constante e assertivo na escrita de Cândido Franco e que, obviamente, não são novidade para quem acompanha a sua atividade crítica sobre Pascoaes, sendo essas linhas de força desde logo assinaladas

na «Nota» e no «Prólogo» iniciais. Em primeiro lugar, o autor afirma, de diversos modos, o descaso da crítica ou, mais precisamente, a «desconcertante fortuna crítica» (159) contemporânea sobre a obra singular de Pascoaes. Esse *topos* conhece neste discurso judicativo diversas e taxativas formulações, por vezes algo radicais: «Os críticos e o público continuaram até hoje a ignorar a [...] existência [de Pascoaes] ou o seu alcance» (389).

Numa formulação não menos provocatória, o autor defende que a complexidade da obra e da filosofia saudosista de Pascoaes «escapava à compreensão geral do meio português» (15), ponto de vista reforçado em diversos momentos. Também por essa razão, boa parte dos textos do autor detém-se: 1) na reflexão sobre o *saudosismo* como poética, mundividência e movimento — a Saudade, sua natureza e arqueologia, ora lusitanista, ora universalista, a par de temas correlacionados (Deus, Amor, Mal, Sebastianismo, etc.); 2) na apresentação do ideário saudosista enquanto forma justificada de criticar a tendência portuguesa para imitar o estrangeiro, sem com isso pôr em causa a abertura cosmopolita da cultura nacional; 3) na demonstração de como o pensamento de Pascoaes se opunha a várias formas de estrangeirismo cultural, procurando contrariar alguns lugares-comuns de certa crítica sobre Pascoaes; 4) na relevante ideia da evolução estético-filosófica do pensamento, desde o «primeiro» Pascoaes da *Renascença Portuguesa* (1911-1932) até ao «último» do segundo quartel do século (cf. 284 ss); 5) sobretudo na defesa, de modo enfático, do saudosismo como «o primeiro 'ismo' português, declaradamente moderno, do século xx» (52), sem se deter na problematização das categorias literárias e histórico-periodológicas de *neogarrettismo*, *neorromantismo* e mesmo de *modernismo* e de *modernidade*, a par

de outros conceitos mais ou menos correlacionados (*nacionalismo*, *lusitanismo*, *iberismo*, *integralismo*, *neorrealismo*); 6) conseqüentemente, na necessidade de rever a classificação ou arrumação da obra de Pascoaes na gaveta apressada do «neo-romantismo» ou etiquetas congêneres.

Nesse sentido, o crítico apresenta-se como alguém que, ao longo dos tempos, tem remado «contra a corrente», reafirmando, de diversos modos, a «modernidade da filosofia saudosista» (16) e o lugar inquestionavelmente central da obra literária de Pascoaes. Mesmo que para isso tenha de questionar as «leituras canônicas» de Pascoaes e do saudosismo, com destaque para os estudos de Gaspar Simões, Casais Monteiro, António Quadros, Jorge de Sena, Jacinto do Prado Coelho, Óscar Lopes e Eduardo Lourenço. Assim, não hesita em propor uma polémica atitude revisionista do cânone contemporâneo, desde a literatura finissecular até meados de Novecentos.

Ao mesmo tempo, Cândido Franco concede particular atenção a certa crítica que, na fronteira entre os estudos literários, a cultura e a chamada filosofia portuguesa, se tem dedicado à obra de Pascoaes e à temática geral do saudosismo: Joaquim de Carvalho, José Marinho, Agostinho da Silva, Leonardo Coimbra, Pinharanda Gomes, Albert Vigoleis Thelen, etc.; mas também Fernando Guimarães, Mário Garcia, Jorge Coutinho, Maria das Graças Moreira de Sá, entre outros. A valorização dos trabalhos filosófico-culturais não esconde o conhecimento e o apreço, com alguma ocasional reserva, pelos estudos mais especificamente crítico-literários, não sendo nítida a separação, dada a natureza da obra de Pascoaes.

Definitivamente, para o crítico, a razão central explicadora das abordagens limitadas de Pascoaes reside, «sem margem de dúvida», «na excessiva importância» (16

e, ainda, 389) concedida ao modernismo de *Orpheu*. Aqui radica também a ênfase atribuída pelo crítico ao pronunciamento de Cesariny, reivindicando a singularidade de Pascoaes face à moda de Fernando Pessoa (74). Também por isso, na leitura da poesia portuguesa contemporânea, o autor não hesita em afirmar a existência de duas tendências contrapostas: a dos que reconhecem o papel fundacional de *Orpheu* e de Pessoa; e a dos que moderam esse papel, valorizando o lugar de Pascoaes e do saudosismo. Porque, como o crítico não se cansa de referir, a correta avaliação de Pascoaes exige uma releitura da história literária contemporânea, pelas «fortes implicações nas várias ideias que hoje se fazem da literatura portuguesa do século XX e na arrumação de autores, obras, movimentos» (372).

Segundo Cândido Franco, alguns dos poucos autores que se têm debruçado sobre a obra de Pascoaes tendem a repetir, acriticamente, certos lugares-comuns de certa tradição crítica. Esse legado quase estigmatizou o poeta de Amarante como «o último dos românticos, o derradeiro dos oitocentistas», sobretudo a partir da «vulgata» de António Sérgio e do seu racionalismo (12), ensaísta anatematizado como *bête noir* dos estudos sobre Pascoaes, depois da conhecida e influente polémica que manteve com o autor da *Arte de Ser Português*, no contexto do confronto entre as tendências originais no seio da revista *Águia*, pelos anos de 1913-14 (cf. 333 ss e, sobretudo, 349-70: «António Sérgio e Teixeira de Pascoaes ou O Conflito Cultural Português»). Pascoaes abandonou a direção da *Águia* em 1917.

Contrariando fortemente essa preconceituosa fortuna crítica, que não quis ou não soube interpretar a genialidade de Pascoaes — por vezes, limitando-se a ler ou a treslar o primeiro Pascoaes, segundo o crítico —, Cândido Franco insiste, em

diversos textos e registos, na «grandeza» e «originalidade», na «absoluta singularidade» e «modernidade originalíssima» do autor de *Regresso ao Paraíso*. Para o crítico, impõe-se dar a Pascoaes o nobre espaço que lhe é devido, por pleno direito, na História da Literatura Portuguesa do século XX, um lugar de absoluto inovador, de precursor e de «voz oracular do futuro». Aliás, para Cândido Franco, a *modernidade* literária conheceu no movimento da *Renascença Portuguesa* a sua etapa inaugural, sendo esta uma das teses mais centrais do seu labor ensaístico.

Ao abrigo desta obsessiva estratégia crítica e da correspondente linguagem, o autor também destaca, positivamente, a voz daqueles que, contrariando certa vulgata crítica, souberam ver a invulgar dimensão e a absoluta originalidade do génio de Pascoaes. O destaque vai para o pronunciamento do surrealista Mário Cesariny que, a partir do início da década de 1970, nomeadamente nas antologias organizadas, pronunciou um juízo crítico que Cândido Franco aproveita sob a forma de *auctoritas* inesperada para a sua tese: «Cesariny afirmava que Pascoaes era um poeta bem mais importante do que Fernando Pessoa» (17 e, ainda, 117 ou 149). Aliás, essa tomada de posição teve um efeito revelador sobre o crítico, segundo testemunho do próprio. Como indicado antes, esta aproximação ou relação singular entre Pascoaes e o Surrealismo mereceu a António Cândido Franco posterior desenvolvimento em outros trabalhos.

Face ao afirmado, a leitura destes textos críticos ressentem-se de alguma inevitável e assumida repetição, por um lado; e, por outro, caracteriza-se por um registo enfaticamente assertivo sobre o tópico da grandeza e da originalidade de Pascoaes injustamente apreciado pela história literária. Aliás, a fortuna crítica referida, centrada no que se escreveu sobre o autor estudado,

secundariza manifestamente outra bibliografia histórico-crítica ou teórico-literária. Em todo o caso, o presente volume cumpre a função relevante de reunir estudos dispersos sobre Pascoaes, proporcionando assim uma visão de conjunto, com isso facilitando o acesso aos leitores interessados. Ao mesmo tempo, a coletânea afirma-se como um esforço continuado de resgate e de releitura da obra de Pascoaes ao nível da história da literatura atual, seja face ao silêncio e incompreensão de que alegadamente tem sido alvo, seja também em relação ao peso nefasto de certa fortuna crítica, seja ainda, conseqüentemente, na proposta de revisão do cânone contemporâneo.

José Cândido de Oliveira Martins

Manuel Frias Martins
A ESPIRITUALIDADE
CLANDESTINA DE JOSÉ
SARAMAGO

Lisboa, Fundação José Saramago / 2015

Em *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago*, Manuel Frias Martins propõe uma análise arrojada e inovadora do universo ficcional do Nobel da Literatura. O título do ensaio, publicado pela Fundação José Saramago, enuncia desde logo o desafio empreendido pelo autor e que partilha com os leitores ao sugerir uma análise da obra a partir de um ponto de vista menos trabalhado e estudado, o da espiritualidade. Por outro lado, a temática enuncia a surpreende pelo facto de se apresentar em contracorrente não só das leituras da obra de Saramago, mas também das reiteradas afirmações do escritor acerca da sua assumida condição de ateu. Em inúmeras ocasiões, quer em entrevistas, quer nos textos diarísticos ou de opinião, José Saramago manifestou as suas perspetivas acerca da religião e do seu relacionamento

com Deus e a espiritualidade, que invariavelmente remetem para uma atitude dual, num misto de distanciamento e interesse, como fica claro no seguinte excerto inicialmente publicado na revista *Ler* e retomado na edição especial conjunta da *Visão* e do *JL* de 19 de junho de 2010, p. 56, publicada aquando do desaparecimento do escritor: «Provavelmente sou um homem bastante religioso. Bom, para se ser ateu como eu sou, deve ser preciso um alto grau de religiosidade.»

A Espiritualidade Clandestina de José Saramago estrutura-se em treze curtos capítulos, a que se soma um último a que é atribuído o papel de fechamento do estudo, antecedidos de uma introdução, onde, para além de definir o *corpus*, o autor procura explicitar de modo claro alguns dos conceitos sobre os quais se sustenta a sua análise, recorrendo amiúde para tal à citação de textos e autores que iluminam as teorias defendidas. O aspeto porventura mais inovador da perspetiva assumida é o que consiste em considerar que o apregoado ateísmo de Saramago funciona antes «como uma espécie de ocultação tática de um *segredo autoral* que alguns romances, lidos a partir de um impulso muito particular, estariam dispostos a identificar e a revelar em termos de *espiritualidade clandestina*» (19).

Afastando-se de uma assunção mais canónica ou convencional do termo *espiritualidade*, Manuel Frias Martins define-a como uma inquietação do autor que se insinua e pesponta *clandestinamente* ao longo dos escritos. Precisando-lhe mais à frente o sentido, refere-a como «um lugar de interrogação hermenêutica e trabalho crítico» (*ibid.*), que «atravessa os romances ao ritmo da dúvida e do desassossego de um autor em busca do sentido para o humano e sobretudo para as construções humanas do divino» (*ibid.*). Assim, o que se persegue neste ensaio é a apreensão